

A negociação da dívida e as mentiras do ex-ministro ^{externa}

29 OUT 1987 JORNAL DA TARDE

Informações procedentes de Nova York, confirmadas pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, em Brasília, revelam que o Brasil e os bancos credores privados chegaram a um acordo parcial para resolver o problema dos US\$ 4,2 bilhões de juros vencidos (ou a vencer até o final do ano) que o País deixou de pagar em virtude da fatídica moratória do ex-ministro Dílson Funaro. Segundo o noticiário, a fórmula acertada — com o apoio explícito do governo dos Estados Unidos — prevê o depósito de US\$ 4,5 bilhões no Bank of International Settlements pelo governo brasileiro (US\$ 1,5 bilhão) e pelos bancos (US\$ 3 bilhões) para o acerto das contas deste ano, ficando para depois, provavelmente até o final do ano, o acordo sobre o reescalonamento da dívida.

Louvamos o empenho dos negociadores e a participação do governo dos Estados Unidos para superar o impasse, pois um acordo externo é algo de fundamental importância para a melhora do panorama econômico interno, carregado de negras nuvens, principalmente neste momento de reaceleração inflacionária, consequência natural da recusa do governo do PMDB a enfrentar as causas reais da inflação, preferindo continuar recorrendo ao artifício do congelamento. O episódio da moratória, que já dura mais de oito meses, mostra muito bem como a política atrasa as soluções que realmente interessam ao País.

É evidente que poderíamos ter chegado a um acordo como o que o sr. Fernão Bracher está concluindo em Nova York (quem sabe até em condições mais favoráveis) sem recorrer ao expediente teatral da moratória, que só trouxe pesados prejuízos ao País, ao contrário do que continua afirmando o ex-ministro Funaro, com confessados objetivos políticos, numa cansativa repetição pela TV das mentiras que tentou institucionalizar durante a sua infeliz passagem pelo Ministério da Fazenda.

Não temos dúvida de que as dificuldades surgidas no cenário econômico internacional, agravadas com a forte baixa nas principais Bolsas de Valores, levaram o governo dos Estados Unidos a trabalhar com maior rapidez no sentido de evitar o rebaixamento dos empréstimos concedidos ao Brasil para a categoria *value impaired* (valor prejudicado), porque não convinha manter mais este elemento de perturbação do mercado de ações. No entanto, é necessário ressaltar que o País é o maior interessado em terminar de vez com essa aventura altamente irresponsável pela qual pagamos (e continuaremos a pagar por muito tempo ainda) um preço muito caro.

É preciso que todos os brasileiros atentem para as graves consequências da moratória e se recusem a aceitar as mentiras que o sr. Funaro, na sua campanha eleitoral, insiste em propagar por aí, numa atitude que o nivela a qualquer político profissional. Mais de oito meses de moratória nos permitiram somente um pequeno aumento de reservas externas, que passaram de US\$ 3,3 bilhões para US\$ 4,2 bilhões, não obstante termos conseguido um superávit comercial de US\$ 7,8 bilhões no período fevereiro-setembro. Apenas essa diferença entre o modesto crescimento das reservas e o montante do superávit já seria suficiente para mostrar que a moratória foi um desastre. Mas não é só. A desconfiança dos credores e de nossos parceiros externos nos fizeram perder aproximadamente US\$ 1,2 bilhão nas linhas de crédito de curto prazo, cujo *spread* (taxa de risco) aumentou significativamente, drenando nossas escassas divisas.

Logo vieram outros prejuízos, como a anulação do acordo de renegociação do principal devido pelo País ao Clube de Paris no primeiro semestre (cerca de US\$ 500 milhões) e o bloqueio de US\$ 500 milhões que deveriam ter sido liberados pelo Banco Mundial, além do expressivo crescimento das remessas de lucros e da preocupante diminuição dos investimentos estrangeiros de risco. Pior ainda foi a deterioração da imagem externa do Brasil e o clima de desconfiança na economia brasileira, responsável por um desânimo jamais visto dos empresários nacionais, que redundou no adiamento por tempo indeterminado de todos os novos investimentos.

É lógico que o sr. Funaro e sua entourage não ignoram toda essa série de problemas criados pela sua irresponsabilidade. Mas, nos seus planos eleitorais, o importante é enfatizar a “defesa de nossa soberania”, a fim de sabotar o acordo com o FMI, a ser discutido logo após os entendimentos com os bancos privados, sem o qual não teremos condição de renegociar os compromissos assumidos com os países do Clube de Paris. Ou seja, apesar de os fatos terem demonstrado, de forma irrefutável, que a moratória só acrescentou sofrimentos a este país que ele queria tanto construir, o ex-ministro da Fazenda ainda tem cara de pau suficiente para ir à televisão, a fim de defendê-la, enquanto o economista Paulo Nogueira Baptista Jr., que foi seu assessor para questões da dívida, tem o despudor de sugerir aos negociadores brasileiros que aproveitem a delicada situação econômica dos Estados Unidos para “tentar um acordo com os credores sem efetuar nenhum pagamento simbólico que fique bloqueado”, pois ele acha muito difícil nesse momento uma reclassificação do Brasil pelo Interagency Country Exposure Risk Committee (o comitê interdepartamental encarregado de tomar essa decisão).

Tanto o sr. Funaro quanto os seus “economistas”, assim como os fósseis do PMDB — a expressão nós a emprestamos dos modernos comunistas chineses — já sabem perfeitamente que sua “estratégia” para a dívida só serviu para agravar (e muito) nossas dificuldades externas e internas além de ter sido inócua do ponto de vista da abertura de novos caminhos para a solução do problema, como prova o “acordo parcial” anunciado pelo presidente do Banco Central, que nada mais é do que a mais convencional forma de rolagem, com os bancos emprestando “dinheiro novo” para o pagamento de juros vencidos. Esta é a verdade que o sr. Funaro e seus amigos querem negar. O resto não passa de frases de efeito, próprias daqueles que colocam suas ambições políticas à frente dos verdadeiros interesses do País.

Mesmo antes da moratória do onírico ex-ministro, o mundo inteiro já sabia que a alternativa do endividamento, como instrumento de transferência de poupança externa para nossa economia, havia-se esgotado. Mas em vez de propor soluções para o financiamento dos investimentos de longo prazo, o sr. Funaro e seus amigos só nos tentaram afastar do mundo civilizado, arrastando-nos em direção ao abismo do isolamento, o mesmo isolamento que os soviéticos, os chineses e todas as economias ditas socialistas querem agora romper.